

NO CONGRESSO, O DEBATE GANHA FORÇA

Oposição crítica com veemência mas PDS já começa a reagir

BRASILIA (O GLOBO) — Fortalecidos pelas eleições do ano passado, os partidos de oposição iniciaram a atual Legislatura dominando as tribunas da Câmara e do Senado, para criticar, de forma vigorosa e, às vezes, até agressiva, a atuação governamental. As Lideranças do PDS, entretanto, após uma reclamação do próprio Presidente João Figueiredo, já estão procurando reagir contra essa situação.

A queixa de Figueiredo de que os discursos de críticas ao Governo representariam 80 por cento da atividade dos plenários, feita recentemente ao Deputado Sebastião Curió (PDS-PA), não é totalmente confirmada pelo balanço dos trabalhos de plenário deste primeiro mês. Mas a crítica velada ao seu partido atingiu o objetivo, mobilizando os líderes para uma defesa mais agressiva do Governo.

De acordo com os registros do Congresso, as críticas à ação do Governo representaram 62 por cento do total dos discursos na Câmara e 44 por cento no Senado, enquanto a defesa não passou de 13 por cento dos discursos na Câmara e 23 por cento do Senado. O restante dos discursos, nas duas Casas, referia-se apenas a temas neutros, como registros de datas e de falecimentos e pequenas homenagens.

OPOSIÇÃO EM MAIORIA

Renovada em mais da metade de seus membros, a Câmara tem apresentado uma média superior a 40 discursos diários, a maior parte do pequeno expediente — o “pinga-fogo” — quando não são permitidos apartes. Os registros das atividades de plenário não confirmam a queixa do Presidente Figueiredo mas demonstram que as oposições são amplamente majoritárias no uso da tribuna.

Dos 652 discursos já feitos, nas 15 sessões normais deste ano, 60 por cento (e

não 80) foram de críticas ao Governo, incluindo reclamações e críticas de Deputados do próprio partido do Governo (13 por cento do total). Os discursos neutros alcançaram 25 por cento.

A defesa do Governo, no plenário, é realizada quase exclusivamente pelos 10 Vice-Líderes do PDS, com a ajuda de alguns poucos Deputados que procuram atuar mais próximos da Liderança, como Sebastião Curió (PA), Eduardo Galil (RJ), Nilson Gibson (PE) e outros. Nessas 15 sessões, os discursos favoráveis à ação governamental representaram apenas 13 por cento do total.

O PDS raramente toma a iniciativa dos debates, preferindo sempre rebater críticas já feitas pelas oposições, a não ser em ocasiões especiais, por determinação expressa da Liderança como ocorreu nas duas últimas semanas, com vários discursos comemorativos do quarto ano do Governo e do 19º aniversário da Revolução de 1964.

Os partidos de oposição, apesar da proposta de trégua feita pelo Chefe do Governo, não têm poupado críticas, aproveitando temas como a própria trégua, a crise econômica que o País atravessa e em especial, o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — o decreto-lei que alterou a política salarial e o uso constante da Lei de Segurança Nacional, além dos chamados escândalos: o da revista “O Cruzeiro”, o da Capemi, o do grupo Delfin e o da espionagem no Palácio do Planalto.

A confirmação de que apenas poucos Deputados do PDS, além dos Vice-Líderes, preocupam-se com a defesa do Governo em plenário está nos discursos de crítica feitos por inúmeros integrantes do Partido. Estes, em sua maioria, referem-se a problemas regionais (a agricultura e a seca no Nordeste são os temas principais), mas há fortes reclamações contra a política econômica e contra medidas gover-

namentais em vários setores.

PMDB, O MAIS

AGRESSIVO

O PMDB, partido que levou o maior número de novos Deputados à Câmara, domina a maior parte dos horários, no plenário, com críticas muitas vezes agressivas, em especial através de parlamentares de primeiro mandato. O PT e PDT também têm sido fortes em críticas à atuação governamental, enquanto o PTB, embora mantenha uma postura oposicionista, não está sendo tão veemente em seus discursos.

Baseada na proposta presidencial de trégua, a Liderança do PDS evitou, inicialmente, responder de forma agressiva aos discursos oposicionistas, mas nas duas últimas semanas essa estratégia começou a ser abandonada. A defesa do Governo já está sendo realizada com a mesma combatividade das oposições, em discursos ou em apartes aos oradores dos demais partidos.

O novo estilo é apoiado pelo Vice-Líder Edison Lobão, do PDS, para quem “as agressões inaceitáveis de alguns discursos mais atrevidos não podem ficar sem uma resposta à altura, na mesma moeda”. O Deputado considera normal a maior presença da oposição em plenário, “o que sempre aconteceu”, mas ressalta que não é por “falta de combatividade” do Partido do Governo.

O primeiro Vice-Líder do PMDB na Câmara, Egídio Lima, entretanto, acha que o índice de críticas ao Governo ainda está baixo, “pois o normal, em qualquer Parlamento democrático, é um volume bem maior”. Acredita ele que o PDS ocupa pouco tempo nas sessões “para evitar se identificar com a atuação governamental, que vem perdendo credibilidade, como demonstram as reclamações dos próprios integrantes do partido do Governo”.